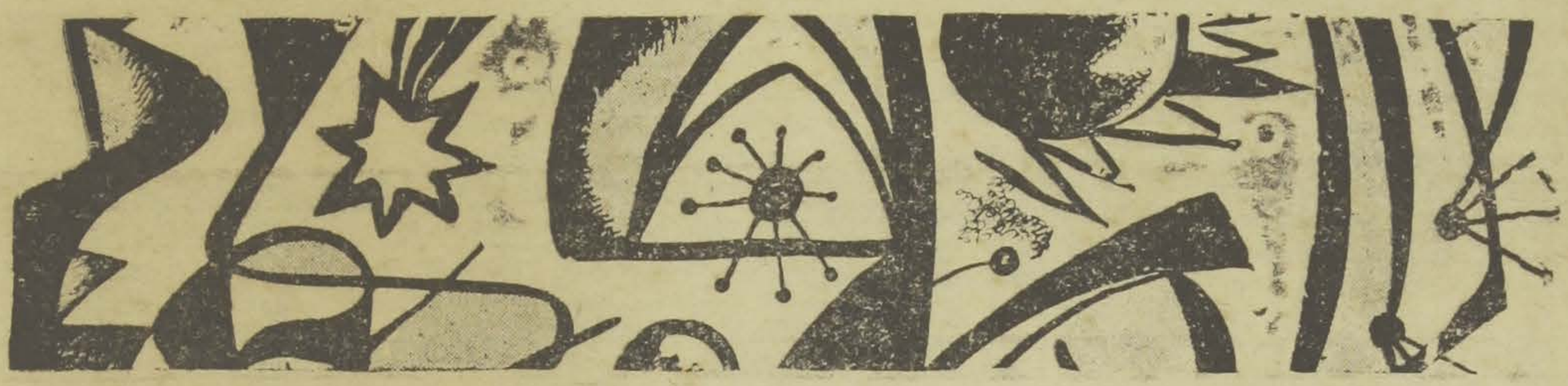
Correio das Artes

Ano I Número 10 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 29-5-1949



Arte e Ciencia de Ayala

OTTO MARIA CARPEAUX

ACABA de publicar-se em Buenos Aires um volume de novelas, "Los Usurpadores" (Edit. Sulamericana, 1949), 6 episódios sinistros da história espanhola seguidos de um "Diálogo de los muertos" que se chama Elegía espanola". O autor desse volume é seguramente um dos artistas mais finos e mais poderosos entre os que manejam hoje a lingua castelhana. Revela-se isso logo na primeira página da novela dedicada ao santo enfermeiro João de Deus na qual a lembrança do retrato do santo, pendurado na parede da casa paterna do autor, lhe revive a consciência de que "ha pasado tiempo. Ha pasado mucho tiempo: acontecimientos memorables, imprevistas mutaciones y experiencias horribles. Pero tras la tupida trama del orgullo y honor, miserias, ambiciones, anhelos, tras la ignominia y el odio y el perdón con su olvido". Deste modo, a história dos ódios sangrentos entre dois irmãos pode terminar com a glorificação do santo que os reconciliou. "... recordaron entonces con testimonios varios que el dia de la venida al mundo de este bienaventurado João de Deus, entre otros prodigios, se habia visto uma gran claridad en el cielo, y las campanas de la iglesia repicaron sin que nadie las tanese".

O autor de "Los Usurpadores" domina a língua e não só esta de períodos renascentistas à maneira dos dois Luises mas sim várias outras. Falando, na novela "El Hechizado", da prosa de um suposto manuscrito que está utilizando, afirma que nela "podrian distinguirse ocurrencias, giros y reacciones correspondientes a dos, y quien sabe si a más estratos; en suma, a las actitudes y maneras de diversas geraciones, incluso anteriores a la suya propia". Na prosa de "Los Usurpadores" tambem se descobrem "actitudes y maneras de diversas generaciones, incluso anteriores a la suya propia". Novelas históricas, sim, mas não historicistas. O grande problema do romance histórico — Ficção ou Verdade? — não existe para esse autor tampouco como para seu precursor barroco, Cristóbal Lozano, que narrou a história de "Los Reyes nuevos de Toledo" e as "Soledades de la vida y desenganos del mundo". Pois não é "história" aquilo que continua a conviver conosco; e, conforme a frase de Hofmannsthal que Du Bos cita, "no Espírito tudo está sempre presente": a experiência dolorosa desta geração, que canta no "Diálogo de los muertos" sua "elegía espanola" assim como a experiencia milenar de muitas gerações espanholas, "anteriores a la suya propia", experiências fratricidas assim como o abraço morial de dois reis que deu o título à última novela do volume: "El abrazo". O livro inteiro cheira a sangue, sangue de assassínios, fratricídios, levantes, execuções, patíbulo e esquartejamento de corpos e da pátria. A "Elegía espanola", enfim, se inspirou no último exemplo do abuso do poder, daquilo de que em uma das novelas diz um ancião, tendo experimentado cinco gerações de reis: "Harios son, en verdad, para uma vida cinco reinados, y difícil de soportar la variedad de su poder". Daí, mesmo se não fosse a língua e se ignorassemos a firma, já se conclui que o autor de "Los Usurpadores" é espanhol. Para ele, conterrâneo dos da "Federación Anarquista Ibérica",

SONETO

PAULO MENDES CAMPOS

DESPEDE TEU PUDOR COM A CAMISA
E DEIXA, ALADA, LOUCA, SEM MEMÓRIA,
UMA NUDEZ NASCIDA PARA A GLÓRIA
SOFRER DE MEU OLHAR QUE TE HEROIZA.

TUDO TEU CORPO TEM. NÃO TE HUMANIZA
UMA CEGUEIRA FÁCIL DE VITÓRIA
E COMO A PERFEIÇÃO NÃO TEM HISTÓRIA
SÃO LEVES TEUS ENREDOS COMO A BRISA.

CONSTANTE, VAGAROSO, COMBINADO,
UM ANJO EM TI SE OPÕE À LUTA, E LUTO,
E TOMBO COMO UM SOL ABANDONADO.

ENQUANTO O AMOR SE ESVAI, A PAZ SE ELEVA,
TEUS PÉS ROÇANDO NOS MEUS PÉS, ESCUTO
O RESPIRAR DA NOITE QUE TE LEVA.

todos os que detêm o poder são de qualquer maneira usurpadores. Atrás daqueles relatos esconde-se verdadeira teoria do "Poder" — e quem diz que o autor de "Los Usurpadores" não a tenha desenvolvido?

Pois — guardei para os leitores a surpresa que eu tambem experimentei — o autor daquelas novelas terríveis e da "Elegía espanola", tão profundamente sentida, é o mesmo Francisco Ayala que nos deu a maior obra sociológica que existe até hoje em língua espanhola ("Tratado de Sociologia", 3 vols., Losada, 1947): obra de grande importancia sistemática e bibliográfica e de rara originalidade, interpretação sociológica da própria sociologia.

A sociologia é ciência moderna: dir-se-ia a mais típica do nosso tempo. Embora já há muito tenha abandonado os caminhos de Comte, ainda se ressente das suas origens: ciência dos grupos sociais, nascida quando a Revolução Francesa tinha destruido os grupos autônomos da Sociedade, deixando subsistir apenas a encarnação do Poder social "sans phrase" — o Estado. (v. R. A. Nisbet: The French Revolution and the Rise of Sociology, in: American Journal of Sociology, XLIX, 2, Sept. 1943) A Sociologia é portanto o produto da crise de uma sociedade, ou anarquizada ou então tiranizada, produto de uma crise da qual pretende ser a solução e quase o triunfo, justificando-a. Mas não consegue transformar-se em ciência pura — teórica e desinteressada — porque está por sua vez dominada pelos métodos e hábitos do cientificismo instrumentalista, chegando enfim a fornecer pretextos ideológicos para aquelas "variedades de poder" que são tão "dificiles de soportar". Daí o conceito do "Poder", que constitui o objeto dos movimentos históricos, precisa de nova formulação: não de definição lógica porque não se trata de fenômeno racional mas sim empírica, fruto da experiência ("difícil de soportar") de muitos "generaciones, incluso anteriores a la suya propia". Essa definição se patenteia na novela "Los impostores", tratando do famoso "pastelero de Madrigal" que pretendeu ser el-rey D. Sebastião de Portugal, desaparecido na derrota de Alcácer Quebir, na Africa; o pretendente acabou no patíbulo, como impostor, mas até hoje ninguém sabe se ele foi impostor ou rei — e a novela se chama "Los impostores" — no plural — porque aquela dúvida pode surgir quando qualquer que seja detem o poder. O Poder talvez seja sempre ilegítimo.

Aí não adiantaria examinar fatos, que estes tambem são construções do espírito inventivo. Na novela "El Hechizado", o narrador examina em vão o velho manuscrito de um espanhol das Indias que solicitou audiência ao "enfeitiçado" rei D. Carlos II, último rebento da Casa d'Austria: não consegue verificar o assunto da audiência — porque não tinha. Tão absurdas eram os intermináveis demarches kafkaianas daquele "índio" na burocracia e nos corredores do Palácio como era absurdo o Poder em mãos de um débil mental coroado. O Poder é abuso até em mãos do impotente. São, todos eles, usurpadores. Foi sábio apenas o monge e rei "malaré lui", na novela "Las Campanas de Huesca", que mandou executar sem motivo os vassalos da sua coroa, só para poder abdicar dela porque "su vocación no era esa" e sim outra, espiritual. A última conclusão seria a anarquia — mas dominada pelo Espírito.

Na sociologia de Francisco Ayala o Espírito é mesmo fato fundamental, axiomático, domesticando o processo histórico-social da luta dos "poderes" pelos seus bracos Cultura e Civilização, que fundam a Ordem; assim como o bem-aventurado mendigo Juan de Dios, na novela que lhe deve o nome, reconciliou nos seus braços os irmãos inimigos; e entraram na Ordem dos Irmãos Hospitalarios; e se fez "una gran claridad en el cielo".

Mas isso já não é ciência de sociológo nem arte de poeta e sim o fruto de arte e ciência: a sabedoria. Apenas, a sabedoria do espanhol Francisco Ayala não é privilégio dos orgulhosos mas consolação dos humildes: aquele estoicismo que é a filosofia nacional do povo espanhol, inspirando ao erudito do "Tratado de Sociologia" as frases lapidares que rematam a "Elegía espanola" do poeta Ayala: "Queda el inocente valor de los soldados. La callada paciencia de los viejos. La fe sin esperanza. La obstinación sin salida. La virtud sin loa. El deber sin reconocimiento y el sacrificio sin premio." E' esta sabedoria, nutrida de sensibilidade poética e de clarividência científica, que permite aos espanhóis suportar "la tupida trama del orgullo y honor, miserias, ambiciones, anhelos"; até ficarem reconciliados enfim, pelo "perdón con su olvido".

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor: SILVIO PORTO

João Pessoa, 29 de maio de 1949

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLASORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novais, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Dilermando Luna, Edmur Fonsêca, Edson Nery da Fonsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Loanda, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonsêca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Lêdo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueirêdo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sosigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré Cicero Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane, Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Wilson Rodrigues, Woller e Zuleno Pessoa.

Dois Jogos Infantis

VERISSIMO DE MELO

É instintiva a atração das crianças pelos chamados jogos infantis. O menino normal, são de corpo e alma, nunca resiste á tentação de correr, pular, subir em árvores, banhar-se nos rios e práias, sacudir os músculos ajudando o próprio organismo a desenvolver-se.

Essa atividade da infância não é, como se poderá pensar, destituida de uma finalidade de ordem social, mais profunda e complexa. D. Maria Cadilla de Martínez (1), a propósito afirma textualmente: "... los juegos realizan uns imponderable missón social: adaptan al ninõ a su medio y le preparan para cooperar con sus semejantes".

Guiseppe Pitré, (2) ilustre folclorista italiano, nos ensina que "os jogos são a escola na qual os meninos aprendem hábitos que lhes serão de prática utilidade em sua vida e futuro".

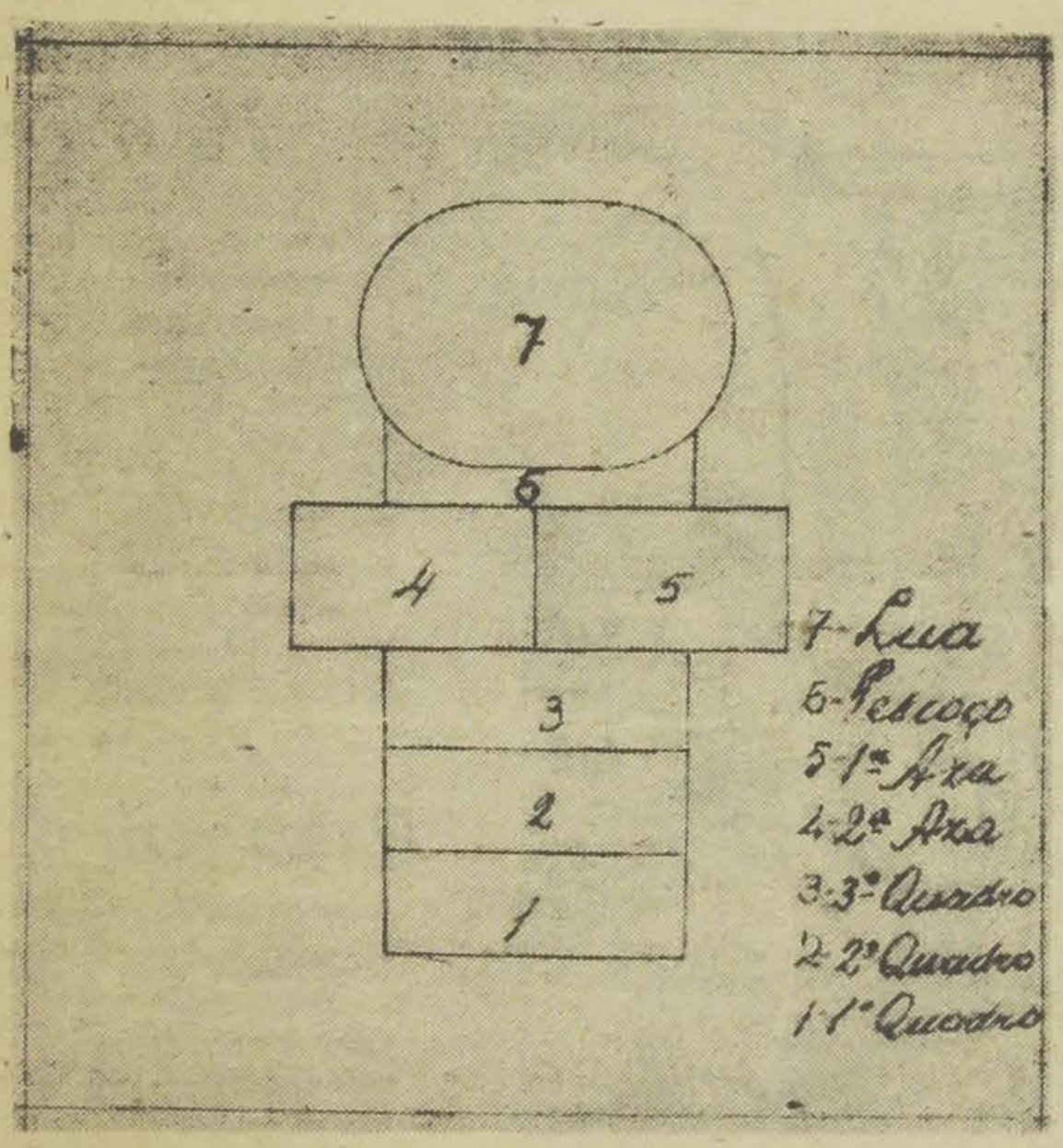
O notavel educador americano Stanley Granville Hall (3) firma-se na mesma opinião quando nos diz ... ... jogo infantil é um processo espontâneo, instintivo, que a natureza humana elege para poder alcançar sua plenitude e perfeição em todas as ordens construtivas da vida; jogando, o menino fortalece o seu organismo, adquire idéias e se racionaliza como ser social; os jogos possibilitam o importante serviço de eliminar da sociedade seus próprios erros em procedimento; os rítmos que acompanham o jogo estimulam a sensibilidade do menino, modelam seu caráter e dão a seus sentimentos a oportunidade para refinar-se".

Os jogos infantis, particularmente os populares e tradicionais, encerram moral elevadíssima, cujos principios fundamentais não são outros senão aqueles que recebemos através as normas condensadoras do Direito Romano. A insigne autora de "Juegos Y Canciones Infantiles de Puerto Rico" (4) chega até a dizer: "Ningún tratado de moral humana e de justicia podría ser más objetivo y más eficaz para la humanidad que los juegos de los ninós".

Efetivamente, ao iniciar um jógo qualquer, as próprias crianças organizam regras essenciais, escolhem juizes, mantêm sagrados certos lugares previamente estabelecidos e de modo algum permitem fraudes ou tapiações, muitas vezes punidas severamente.

Neste artigo, registamos dois jogos, incluidos em nossa classificação entre os "jogos gráficos", que são aqueles que se distinguem dos demais pela existência de um desenho, um gráfico, sobre o qual se realiza o passa-tempo.

ACADEMIA



Academia, Cademia ou Avião é o mesmo jogo conhecido em São Paulo pelo nome de **Amarelinha** (5); **Amarelhinha** (6) no Espírito Santo; **Avião** (7) em Alagôas; **Amarela** (8) noutros Estados do sul; **Marelle** (9) em França; **La Peregrina** (10) em Porto Rico; **Luche** (11) no Chile; **golosa** ou **coroza** na Colombia (12); **Reina Mora, Pata Coja** ou **Infernáculo** em Espanha (13); Jogo do Homem jogo da Mulher, da Maeca, do Diabo, do Homem Morto, do Gargalo (14) em Portugal.

Os gregos, segundo Julio Polux, (15) chamavam-no **ascoliae** e os romanos **jogo do odre.**

Muito curiosa a dedução que faz Maria Cadilla de Martínez do nome como é conhecido em seu país. A voz "Peregrina" se deriva de "peregrinar", que quer dizer "Fazer uma viagem rara". Não seria na mesma acepção que os meninos do nordeste empregam, sem saber a palavra "Academia"? Uma viagem dificil e acidentada através o desenho, finda a qual a criança vencedora se julga superior a todas as outras?

Feito o gráfico na calçada ou no chão, (figura abaixo) jogam os meninos do nordeste da seguinte maneira:

— A criança que inicia o jôgo lança uma pedra ou um caco de telha no primeiro quadro. Então, com um pé só, pula o cuadro onde lançou a pedra, pisa no 2.º e no 3.º Chegando nas **asas**, põe um pé na 1.ª e outra na 2.ª. No pescoço pisa com um pé só e, chegando na **lua**, descança com os **dois pés.**

Volta do mesmo jeito. Chegando no 2. quadro, **apanha a pedra que está no 1.**, com uma mão só, e pula-o. E assim vai fazendo, de quadro em quadro, mas **asas, pescoço e lua.** Errando o pulo pisando na linha ou se a pedra ao ser lançada cair sobre uma das linhas do desenho, perde quem assim proceder e outro menino recomeça o jogo.

Percorrido todo o desenho, daquela maneira, recomeça-se novamente. Mas, desta vez, em lugar de se sacudir a pedra nos quadros, deve-se carregá-la em cima do pé. Não se pode pôr os dois pés no mesmo quadro. Se a pedra cair, outro recomeça o jogo. Só se descança na **lua** onde se póde ajeitar a pedra, para o caminho de volta.

Na terceira rodada percorre-se mais uma vez o desenho, porém, já agora, com a pedra equilibrada sobre o indicador e o médio de uma das mãos. Deve-se pular os quadros sem deixar a pedra cair. Na lua, pode-se ajeitá-la.

Por último, põe-se a pedra na testa e o menino sai andando de cabeça para o céu, percorrendo o mesmo gráfico, sem vê-lo. Quando se acha em dificuldade, pode perguntar aos companheiros: "Pisei?" Ou "estou bem?" Na lua, pode tirar a pedra, olhar o caminho de volta e regressar.

Fazer corôas — De costas para a Academia, a criança joga a pedra por cima da cabeça. No quadro em que cair, faz **corôa**, isto é, um sinal de que somente aquela criança pode pisar naquele quadro. Pode-se jogar a pedra três vezes, até acertar. Feita a **corôa**, as crianças a enfeitam com bordados, a primeira letra do nome, desenham flores, etc.

E então recomeça-se o jôgo, sem se pisar nas **corôas**, a não ser a criança que a faz. Vence o jogo quem fizer o maior número de **corôas**.

O CARACOL

Aluizio de Almeida em São Paulo, d. Maria Stella de No-

vais n Espírito Santo, Augusto Cesar Pires de Lima em Portugal e Eugenio Pereira Salas no Chile registaram o **Caracol** com este mesmo nome. Sua denominação vem da forma do gráfico, que é um círculo em aspiral.

Em Natal, a descrição do jogo é a seguinte (vêr gráfico ao lado):

— Feito o desenho, a criança, com um pé só vai pulando de quadro em quadro, até chegar no **céu**. Aí, pode descançar, com os dois pés. Volta então do mesmo jeito.

Não errando, faz **corôa**, no quadro que quizer. Aí, só a criança que faz a **corôa** pode pisá-lo mesmo com os dois pés.

Chega-se a uma situação em que há muitas **corôas**. Não podendo pular várias **corôas** seguidas, o menino pula então para o primeiro quadro mais perto dele, na frente ou nos lados.

A corôa é sempre enfeitada, com bordados, letras, etc. Vence o jôgo a criança que fizer maior número de **corôas**.

Em Portugal, segundo o autor acima citado, chamam "**macaca**" ao que nós chamamos **coróa**.

---

(1) — "Juegos Y Canciones Infantiles de Puerto Rico". pag. 7.

(2) — Citado por M. C. de Martinez, pag. 8, op. cit.

(3) — Citado por M. C. de Martínez, pag. 20, op. cit.

(4) — M. C. Martinez, "Juegos Y Canciones, etc.". pag. 31.

(5) — "Notas de Folclore Infantil Sul Paulista — Revista do Arquivo Municipal São Paulo — CVIV — pag. 113.

(6) — Maria Stella de Novais, carta em arquivo.

(7) — L. Lavenère, "Nossas Cantigas", pag. 13.

(8) — L. Lavenère, op. cit. pag. 13.

(9) — L. Lavenère, op. cit. pag. 13.

(10) — M. C. de Martínez, op. cit., pag. 68.

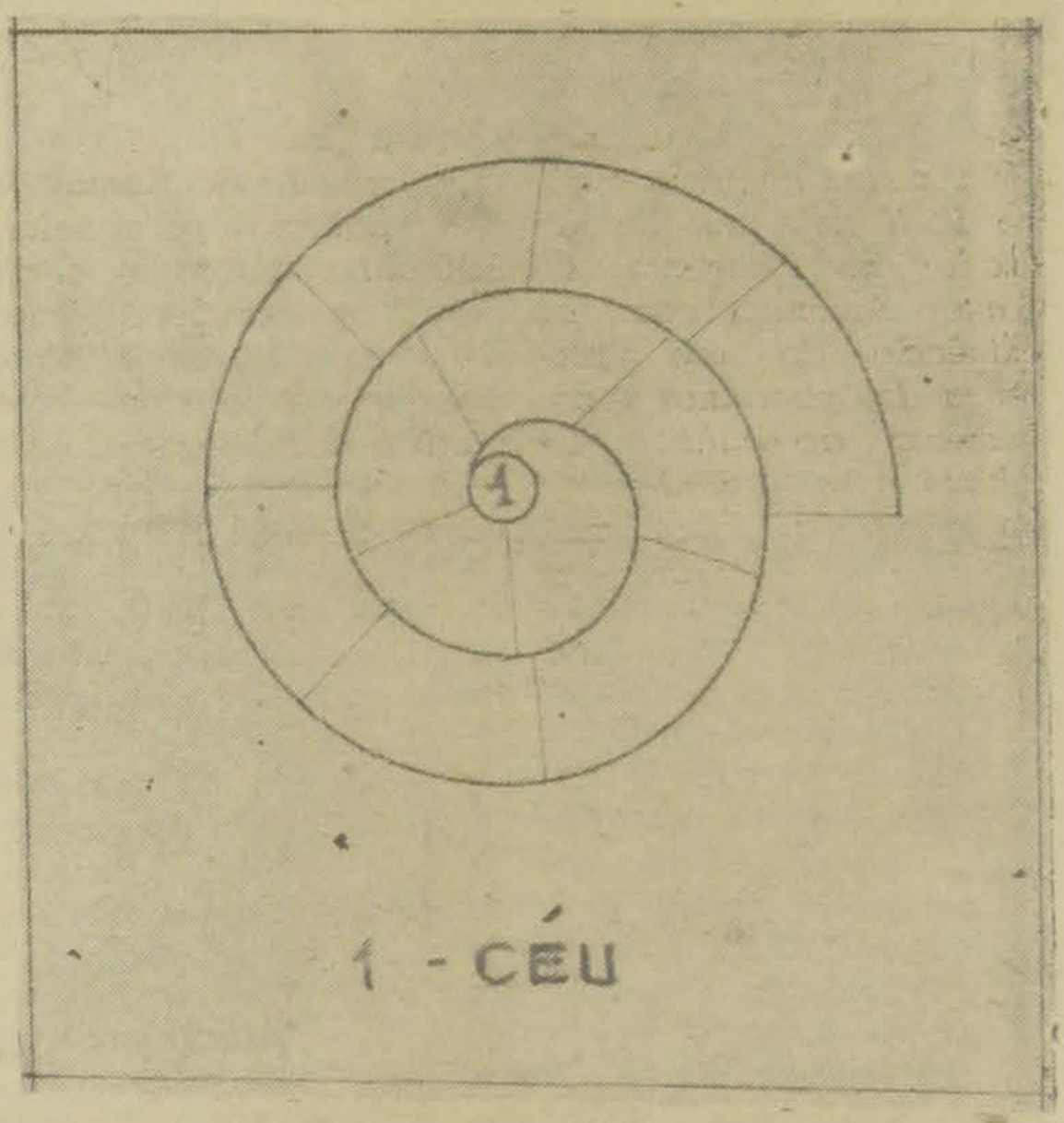
(11) — Eugenio Pereira Salas. "Juegos y Alegrias Coloniales en Chile", pag. 182

(12) — Citado por E. PP. Salas, op. cit., pag 181.

(13) — Citado por E. P. Salas, op. cit., pag 181.

(14) — "Jogos e Canções Infantís", A. C. Pires de Lima, pags. 11, 14, 15.

(15) — M. C. de Martinez, op. cit., pag. 68.



Pequena Canção

Maria não possue
tesouros ou passes
mágicos. Apenas
qualquer coisa nela
é um sino na tarde.

Em Maria nada
provocara alarme
Nem suas palavras
nem seus olhos grandes.
Sequer seus cabelos,
seus pequenos dedos,
sua leve carne.
Qualquer coisa nela
é um sino na tarde.

Qualquer coisa tem
um gôsto de casa,
de chuva batendo
em janelas fechadas.

De silêncio e nêle
um sino na tarde.

Paisagem

Imaginemos
extensa praia
onde fôssem dunas
teus pequenos seios.
Minha cabeça
pousada sôbre
tal contôrno,
do qual ao fundo
a pequena máquina
coração chamada.
Pelo olhar entrando
extraordinária
paisagem de barcos
entre vento e água.
Imaginemos
minhas mãos cavando
até à raiz
o lado esquerdo
para trazer
rubra paixão
aos dedos.

Tarde

O URRO DO BOI, QUE RASGA
A TARDE DE MEIO A MEIO,
É FRIA PONTA DE FACA
E PODEROSO ROCHEDO.
O BOI VERMELHO QUE BERRA,
NO MEIO DO CAMPO PÔSTO
PATAS FINCADAS NA TERRA,
É PESADO, RUDE E GROSSO.
DE SI PROPRIO DESENTERRA
TODO O PAVOR DE SEUS
(CORNOS
QUE SUSPENDE A COR PA-
(RADA
DA TARDE QUENTE DE SONO.

BANDEIRA TRIBUZI

"Memorias de um Sargento de Malicia"

SILVINO LOPES

QUANTO a mim é mais do que indiferente que o meu nome seja Roque ou Torquato. Adianta, porém, dizer que nasci no ano de 1892, numa pequena cidade do Norte e que fui batizado no convento de Santo Antônio, com as exigências do ato: presença dos padrinhos e pagamento ao vigário. Se faltassem os padrinhos tudo teria sido arranjado, contanto que o vigário não tivesse maçada ou prejuizo. Madrinha teria sido Nossa Senhora das Neves, e o padrinho o sacristão, na melhor ou pior das hipóteses. O necessário era tornar o "parvulo", como diz o livro de lançamentos, às folhas 132 e 138, um cristão.

Adianta também dizer que o meu pai chamava-se José e não era carpinteiro. A mulher de José não se chamava Maria. Tinha mais doce e o mais suave dos nomes. Constituia até pelo nome uma consolação para os filhos. Chamava-se Clemência.

Graças à primeira Isabel, José recebia dos cofres da nação duzentos e quarenta mil réis por mês, quantia que representava os vencimentos de um oficial do Exército que fôra companheiro de Caxias lá pelos pântanos paraguaios. Entretanto, pouco se orgulhava o simples oficial dêsse companheirismo, pois, a sua coragem fôra igual à dos sertanejos recrutados para a guerra, uns pobres homens que não sabiam porque os arrastavam à morte, sentindo-se dentro de uma farda tão consciente do seu dever como se já estivesse dentro de uma mortalha. Os dois figurinos dariam muito bem para o que lhes estava reservado — a morte.

Contava José que fôra uma luta para conseguir a sua promoção. Para ser alferes teve que ir à presença da princesa. Pediu, rogou, e Isabel pareceu aos seus olhos mais Redentôra.

Andou por tôdas as guarnições, de região em região, e os chefes davam-lhe sempre o mesmo titulo: turbulento. Era apesar disso, um disciplinado e foi essa qualidade que o ajudou na vida. Casando aos vinte anos de idade com a menina Clemência que tinha, apenas, treze anos, vieram-lhe dessa união onze filhos. Eu fui o último e estou sendo o primeiro a encadeiar as recordações que dos dois me ficaram.

Cumpriu-se a sentença: "os últimos serão os primeiros".

Hoje, quando me levanto contra a guerra, odiando-a como odeio os seus fomentadores, suspendo um pouco a onda da minha indignação, e bendigo o motivo que levou o Brasil à sangueira do Paraguai. Sem êsse feito estupidamente glorioso para as nossas armas rudimentaríssimas, naquele tempo, José não teria ído à terra de Lopes, nem teria visto,, em Vila Rica a filha mais moça de Don Tomás que perdeu filhos e haveres na luta. Tudo terminou com a vitória, um tanto discutivel, das fôrças brasileiras, com o assassinio do ditador. E José voltou ao Brasil trazendo o melhor troféu de batalha — a moça de Vila Rica, com quem casara, no mesmo dia em que duas das suas irmãs se fizeram esposas de dois coronéis brasileiros. E' possível que Don Tomás preferisse ver as suas filhas casadas com simples soldados paraguaios, porém, elas não pensaram assim. O certo é que não se arrependeram, nem mesmo a última que não chegou ao coronelato. Viu o seu marido de cadete passar a alferes, depois a tenente e reformar-se como capitão.

Fica, assim, mais do que provado que sou 50% paraguaio. Lamento, apenas, que minha mãe não fosse guaraní legítima.

Don Tomás era ramo da árvore dos Estigarribia. Assim, quando me falavam das grandes vitórias brasileiras: do Riachuelo, em Tuiutí, Humaitá, Itororó, Lomas Valentinas e Angustura, meu pensamento ia até à Uruguaiana, onde foi derrotado o mais graúdo dos meus parentes. Don Tomás, de qualquer forma, foi guerreiro, porém, o meu avô paterno, de tão pacifista, terminou seus longos dias como administrador do Cemitério do Senhor da Boa Sentença — Paraíba, onde os seus anos se acabaram e as suas cinzas desapareceram.

Foi êsse o cargo mais importante que ocupou numa vida que se prolongou a 92 anos. Velhinho como era ia à sua repartição, se é que se pode dar êsse nome a um terreno murado, onde tudo é regido sob a lei fatal do transformismo. Era um autêntico caboclo nordestino.

Quando êle morreu, lembro-me bem, eu tinha nove anos de idade.

Durante os dias que passou doente, tôdas as manhãs eu ia à sua casa saber como havia passa-

PARAÍBA DO SÉCULO XVII — Gravura extraída do livro do Dr. Dapper — AMERICA — vendo-se ao fundo o antigo Forte de Santa Catarina

do a noite. Muito cedo minha mãe queria ter notícia. Queria muito bem ao velhinho.

— Diga que vai no mesmo -- dizia a tia Noca, que era minha madrinha.

E eu ficava por lá até passar a hora de ir para a escola.

O velho passou 14 dias de cama, de olhos abertos, sem pronunciar uma palavra, sem ter um movimento. Durante êsses dias a professora não me viu. Não perdí nada com a ausência da escola. A professora diria a mesma coisa. O pagamento era mensal. Sou capaz de acreditar que a tal mestra desejaria que a doença do meu avô se prolongasse por um ano.

Lembro-me também do enterramento que teve a presença de inúmeros oficiais do Exército e do representante do presidente da provincia.

Na casa lutuosa ficaram três moças solteironas. Estas tinham quatro irmãos, todos oficiais: um capitão reformado e três majores ativos. E o capitão era o único que tinha familia numerosa. Dos onze filhos que tivera, três morreram. Um dêles, que era aspirante do Exército, recebeu uma bala no coração. Metera-se num levante na Escola Militar. Os outros dois mortos foram duas meninas. Um dos que ficaram casou aos 16 anos de idade e já era sargento. Pouco tempo depois foi para Canudos. Um outro foi para o Amazonas e nunca mais se soube dele. As três filhas casaram-se, uma delas com um tio major. Nem o sangue pôde uní-los.

Somente dois ficaram em casa. O mais velho inventou que daria para padre. Foi para o Seminário. O último, o menino, vivia de escola em escola, rebelde à qualquer disciplina. Foi por isso parar também no Seminário, de onde saiu por máu comportamento. Tinha tanta raiva dos livros que os inutilizava, arrancando-lhes as páginas, pouco a pouco.

Um dos meus professores chamado Chico Luis chegou a dizer que se o seu aluno pretendia ir para o Exército ficasse logo sabendo que não chegaria a cabo de esquadra. Mas, para não perder o aluno, ao pai dizia que o menino iria longe.

De minha familia, fui o único que teve a felicidade de ser sempre fraqueza. Não tinha vocação para força nem mesmo desarmada.

O meu irmão que se dizia com alma de padre deixou o Seminário porém, não querendo se desligar por completo da igreja, casou com a filha do sacristão da Catedral. Antes, porém, quando tinha licença para passar um dia em casa, mesmo de batina, não saia do fundo do quantal, conversando, na cêrca, com uma vizinha, moça religiosa, porém, um pouco ladina.

x x x

Encontrei um cidadão interessado por conhecer a minha biografia.

Era demais! Isso é exigir muito de quem nada exige. E' querer mergulhar num pôço, para matar uma curiosidade.

Mas, acontece que não tenho biografia. Nunca fui nada, continuo no mesmo pôsto e espero não ser exonerado, porque me considero com o direito da vitaliciedade.

Também nunca fiz força por uma promoção. E como o cargo rende pouco, houve ainda quem tentasse arrancá-lo das minhas mãos que nunca fizeram força para mantê-lo.

Sei bem que sou um homem que sai às 6 e 30 de casa, e que deve voltar ao meio dia, e sair novamente, e outra vez apanhar o ônibus, com a obrigação um tanto agradável, de fazer ainda duas viagens, prá lá, prá cá. Dormir, se tiver sôno, e acordar quer tenha ou não tenha disposição.

Nesse vai-vem está toda a minha biografia.

Não acredito, que haja outra pessoa graciosa da minha vida e do meu máu humor. Sabem todos que vou passando, passando sempre, sem o menor interêsse pela vida alheia.

Sou amigo de muita gente, por mim classificada como boa. E não exijo que essas pessoas me considerem, no máximo, um pouco sofrível.

Defeitos devo armazenar em quantidade, mas, não em número tão pomposo como o que me é atribuido por duas ou mais pessoas que, sabendo ser o meu capital muito pequeno, procuram, nêsse particular, fazer de mim um individuo rico.

Qualidades não as carrego, pois se as descobrissem em mim sentir-me-ia parecido com muitos sujeitos que as têm em qualidade, sem que a carga evite sejam êles refinadissimos tratantes. Não tenho casos, nem ódio. Tenho o amor dos que, acredito sinceramente, sabem corresponder ao ardor do meu afeto. Não sendo católico prático, levo a vantagem de não praticar o que os práticos praticam.

Quisera que todos os homens fossem como cachorros, como os gatos, leais, dedicados, ou como os ratos que luta sómente para viver. Rem o queijo que se deixa no guarda-comida, porém, nunca a cabeça de outro rato. Isto quer dizer que há sempre um bicho que não explora a cabeça alheia.

Quisera que as mulheres fôssem como os pássaros engaiolados. Voassem, porém, reconhecendo as fronteiras. Nunca sobreboassem o território das outras.

Acharia bom que os velhos e, principalmente as velhas não se ofendessem quando, assim, são tratados; que os ignorantes fossem os primeiros a proclamar essa sua qualidade.

Para mim mesmo meu nome não vale nada, desde que a escolha não foi minha.

DOIS POEMAS

CLAUDIO TUIUTI TAVARES

CHUVA

MEU PEITO SOLUÇA
EM SILENCIO DE SANQUE
O MUGIR DO VAZIO LOUCO,
O CANTO DA LUZ,
CULTIVANDO A CHUVA,
A CHUVA QUE DOE,
DILUIDA.
MILAGROSA SAUDADE DE ESPUMA,
BRANCURA, NUVEM, VIDRO!

POEMA

SE PARA SENTIR A PLENITUDE DOS GESTOS EMOTIVOS
FOR PRECISA A DOR SURPREENDERA' OS HOMENS BONDOSOS,
EU CONTEMPLAREI COM A FERIDA MAIOR NOS OLHOS
O HORIZONTE DE PAZ QUE SE AVIZINHA MANSAMENTE
E FUNDIREI MINHAS VESTES BRANCAS
COM A MUSICA IDOLATRA DOS DENTES DA MUSA,
MORTA NA NOITE EM QUE A TRITEZA DE QUEM PERDEU A ESPERANÇA DE AMAR
DESCEU SOBRE MEU PEITO, COMO SE EU TIVESSE BEBIDO UMA ITAÇA DE FEL.

E V E L I N E

Conto de JAMES JOYCE

Tradução de MARIO FAUSTINO

Nascido em 1862, em Dublin, na Irlanda, James Joyce é, sem dúvida, o maior inovador da literatura inglêsa deste século e uma das maiores influências da ficção contemporânea. Sua maior obra, "Ulysses", é atualmente um dos temas mais discutidos da literatura, considerada por alguns críticos como epopéia da altura da Iliada e da Odisséia, por outros como o ponto final e obra prima do gênero romance e ainda por muitos outros como o maior "bleuf" da históia das letras universais. O autor, por sua vez, afirma que os leitores devem dedicar toda a vida ao estudo de "Ulysses...

Das obras de Joyce — "Chamber's Music" (poemas) — "Dubliners" (contos), "Portrait of the Artist as a Young Man", "Ulysses" e "Finnegan's Waks" — apenas a novela "Retrato do Artista quando jovem" está traduzido para o português. O conto que agora publicamos pertence à série "Dubliners", publicado em 1914. Escritos na adolescencia de Joyce, antes dos vinte anos, nesses contos já se notam algumas características joycianas, principalmente ao que se refere à construção do enredo e ao tratamento dos caracteres.

SENTOU-SE a janela, observando a noite que invadia a avenida. Sua cabeça apoiava-se de encontro às cortinas e penetrava em suas narinas o cheiro do cretone empoeirado. Estava cansada.

Pouca gente passava. Em frente à última casa caminhava um homem de volta ao lar; ela ouvia o ruido de seus passos na calçada de concreto e, em seguida, no pátio cinzento, entre as novas casas vermelhas. Há tempos, havia ali um campo onde eles costumavam brincar todas as tardes com as outras crianças. Depois um homem de Belfast comprou o campo e nele construiu as casas — não como as outras casinhas pardas, porém imponentes, côr-de-telha, com telhados resplandescentes. As crianças da avenida costumavam brincar juntas naquele campo — as Devines, as Waters, as Dunns, o pequeno Keogh aleijado, ela e seus irmãos e irmãs. Ernest, entretanto, nunca brincara; já estava muito crescido. Seu pai muitas vezes costumava expulsá-los do campo com sua vara negra de espinheiro; mas o pequeno Keogh, que o mais das vezes brincava de branco, fazia guarda e avisava quando vinha o pai. Apesar de tudo, eles pareciam ser muito mais felizes, então. Seu pai não era tão máu, por esse tempo; e, por outro lado, sua mãe ainda era viva. Isso fôra há muito tempo; agora ela e seus irmãos e irmãs já estavam crescidos; sua mãe estava morta. Tizzie Dunn morrera também, e os Waters haviam voltado para a Inglaterra. Tudo muda. Agora ela também devia ir embora como os outros, ia deixar sua casa.

Sua casa! Olhou em torno da sala, revendo todos os seus objetos familiares, que ela havia limpado uma vez por semana por tantos anos, perguntando-se de onde vinha tanta poeira neste mundo. Talvez ela nunca mais visse esses objetos familiares, dos quais jamais pensara separar-se. E ainda durante todos aqueles anos ela nunca soubera o nome do padre cuja fotografia, amarelecida, estava pendurada à parede, sobre o harmonium quebrado, ao lado da estampa colorida das promessas feitas à Bemaventurada Margarida Maria Alacoque. O padre tinha sido colega de aula de seu pai. Todas as vezes que mostrava a fotografia a uma visita seu pai costumava dizer:

— Está em Melbourne, agora.

Tinha consentido em ir embora, em deixar sua casa. Estava direito? Procurava considerar cada aspecto da questão. Em casa, de qualquer maneira, tinha cama e mesa; e tinha em torno de si aqueles que tinha conhecido toda sua vida. Naturalmente, tinha de trabalhar muito tanto em casa como no emprego. Que diriam dela nos Armazens quando soubessem que tinha fugido com o namorado? Diriam que era uma doida, talvez; e seu lugar seria preenchido, depois de feito um anúncio. Miss Gavan ficaria satisfeita. Sempre tivera qualquer coisa com ela, principalmente se havia outras pessoas ouvindo.

— Miss Hill, não vê que estas senhoras estão esperando?

— Procure parecer mais viva, Miss Hill, por favor.

Não derramaria muitas lágrimas ao deixar os Armazens.

Mas em sua nova casa, numa terra distante e desconhecida, não seria assim. Estaria casada — ela, Eveline. As pessoas a tratariam com respeito. Não seria como sua mãe. Mesmo agora que já tinha dezenove anos, muitas vezes sentia-se em perigo, diante da violência de seu pai. Sabia que tinha sido aquilo que lhe causara as palpitações. Quando eram crianças, ele nunca fôra lá muito dela, como tinha sido de Harry ou Ernest porque era mulher; mas depois tinha começado a ameaçá-la, dizendo-lhe que só não lhe fazia o que queria por causa de sua falecida mãe. E agora ela não tinha ninguém que a protegesse. Ernest morrera e Harry, que estava empregado numa casa decoradora de igrejas, estava quase sempre fóra, em qualquer lugar, no interior. Além disso, as invariáveis disputas, por causa de dinheiro, nas noites de sábado, começaram a consumi-la insuportavelmente. Sempre dera todo seu salário — sete shillings — e Harry sempre mandava o que podia, mas a questão era conseguir qualquer dinheiro de seu pai. Dizia que ela desperdiçava, que não tinha cabeça, que não ia dar-lhe seu dinheiro, ganho com dificuldade, para ela jogar fóra e, o que era mais grave, ele costumava estar ainda pior nas noites de sábado. Finalmente, acabava lhe dando o dinheiro e perguntava-lhe se tinha alguma intenção de comprar o jantar de domingo. Então ela saía o mais depressa possível para fazer as compras, segurando a bolsa de couro preto com força durante a viagem e voltando para casa debaixo de um monte de provisões. Era um duro trabalho para ela, conservar a casa em ordem, ver se as duas crianças que haviam sido deixadas aos seus cuidados iam à escola e se comiam regularmente as refeições. Duro trabalho — dura vida — mas, agora que ia deixá-la, não a considerava de todo indesejavel.

Ia começar outra vida com Frank. Frank era muito bom, másculo, de coração aberto. Ia embora, com ele, de navio, para ser sua esposa e viver com ele em Buenos Aires, onde havia uma casa esperando por ela. Bem se lembrava da primeira vez que o vira; estava hospedado numa casa da estrada principal, onde ela costumava fazer visitas. De pé ao portão, o chapéu de pala puxado para trás, o cabelo caido sobre um rosto de bronze. Conheceram-se. Encontravam-se nos Armazens, todas as tardes e ele a acompanhava até em casa. Levou-a a ver "La Boheme" e ela sentiu-se importante quando se sentou num lugar fóra do comum, no teatro, com ele. Era apaixonado por música e cantava um pouco. Todos sabiam que se namoravam e, quando ele cantava a canção da moça que amava um marinheiro, ela sempre se sentia agradavelmente perturbada. Costumava chamá-la "Poppens", mesmo quando falava a sério. Primeiramente, fôra excitante para ela ter um namorado. Depois, começou a gostar dele. Sabia histórias de terras distantes. Tinha começado com um lugar de moço de convés, a uma libra por mês, num navio da Allan Line, que fazia viagens para o Canadá. Dissera-lhe os nomes dos diferentes navios em que viajara e os nomes dos diferentes serviços. Havia navegado no Estreito de Magalhães e contou-lhe histórias dos terriveis patagões. Tinha conseguido estabelecer-se em Buenos Aires e, dizia, viera à velha terra apenas para umas férias. Finalmente, o pai descobriu tudo e ela foi proibida de falar com o rapaz.

— Conheço essas conversas de marinheiro, disse ele.

Um dia, o velho discutiu com Frank e passaram a encontrar-se em segredo.

A noite aprofundava-se na avenida. O branco das duas cartas, em seu regaço, tornava-se indistinto. Uma era para Harry e outra para seu pai. Ernest havia sido seu favorito, mas gostava também de Harry. Seu pai estava ficando velho, pensou; senteria falta. Algumas vezes conseguia ser muito bom. Não havia muito, quando ela estivera de cama por um dia, tinha lido para ela uma história de fantasmas e fizera-lhe um brinde diante do fogo. Uma outra vez quando sua mãe ainda era viva, todos tinham ido a um piquinique na colina de Howth. Lembrava-se do pai, pondo na cabeça o boné de sua mãe, para fazer rir as crianças.

O tempo corria mas continuava sentada à janela, apoiando a face de encontro à cortina, sentindo o cheiro de cretone poeirento. Em baixo, na avenida, ela podia ouvir os sons de um realejo. Conhecia a canção. Era estranho que viesse aquela mesma noite, para lembrar-lhe a promessa feita à sua mãe, sua promessa de cuidar da casa todo o tempo que pudesse. Lembrava-se da última noite da doença de sua mãe; estava novamente na escura sala fechada, do outro lado do hall e, lá fóra, ouvia a melancólica canção italiana. Mandaram embora o tocador de realejo e deram-lhe seis pences. Lembrava-se do pai, no quarto da moribunda, dizendo:

— Malditos italianos! Virem até aqui!

Enquanto meditava, a penosa visão da vida de sua mãe alcançava o mais profundo de seu sêr — aquela vida de sacrifícios ordinários, transformada em loucura, no fim. Tremia enquanto ouvia novamente a voz de sua mãe, dizendo constantemente, numa insistência de louca:

— Derevaun Saraun! Derevaun Saraun!

Levantou-se num súbito impulso de terror. Escapar! Devia escapar! Frank a salvaria. Dar-lhe-ia vida, amor talvez, também. Mas o que ela queria era viver. Por que tinha de ser infeliz? Tinha direito à felicidade. Frank a tomaria em seus braços, apertá-la-ia em seus braços. Ele a salvaria.

Ela estava de pé, no meio da multidão movediça, na estação de North-Wall. Frank tomou sua mão e ela sentiu que ele falava, dizendo qualquer coisa sôbre as passagens. A estação estava cheia de soldados com bagagens pardas. Através das largas portas do pátio, ela teve uma visão da massa negra do navio, parado ao lado do muro do cáis, com as vigias iluminadas. Nada respondeu. Sentia as faces pálidas e frias e saindo do seu labirinto de tristezas, pedia a Deus que a dirigisse, que lhe mostrasse onde estava o direito. O navio apitou fúnebre e longamente na neblina. Se ela fosse, amanhã estaria no mar com Frank, viajando para Buenos Aires. Suas passagens estavam compradas. Ainda podia voltar atrás, depois de tudo quanto ele fizera? Sua tristeza despertou-lhe uma náusea no corpo e continuou movendo os lábios numa prece silenciosa e ardente.

Um sino ressou em cima de seu coração. Sentiu que ele lhe tomava a mão.

— Venha!

Todos os mares do mundo tombavam em torno de seu coração. Frank puxava-a para eles; acabaria afogando-a. Agarrou-se com ambas as mãos na grade de ferro.

— Venha!

Não! Não! Não! Era impossivel. Suas mãos agarravam o ferro com frenesi. Cercada pêlos mares, deu um grito de angústia.

— Eveline! Evvy!

Ele passou a barreira e gritou-lhe que o acompanhasse. Alguém bradava que seguisse, mas ele ainda a chamava. Ela virou o rosto branco na direção dêle, passiva como um animal indefeso. Seus olhos não mostraram nenhum sinal de amor, de adeus ou de reconhecimento.

DE LE CORBUSIER A NIEMEYER

DE LE CORBUISER A NIEMEYER é o título da exposição que se acha presentemente no Museu de Arte Moderna de Nova York. Diz o programa daquele Museu em referência à exposição: Esta exposição deseja mostrar a influência do arquiteto suiço Le Corbusier, pioneiro da arquitetura moderna na obra do importante arquiteto brasileiro da nova geração, Oscar Niemeyer. A residência Savoye, começada em 1929 em Poissy-sur-Scine, França, e acabado em 1931, representa o seu conceito arquitetônico do prisma retangular, na sua forma mais pura. O projeto de Oscar Niemeyer para a residência do senhor Burton Tremaine, desenhada em 1949-1949, é uma brilhante interpretação dêste conceito. Outros exemplos poderiam demonstrar a influência do movimento abstrato da pintura e da escultura na forma daquelas casas. As formas originariamente concebidas por Jean Arp em 1934-35, fundem-se numa expressão arquitetural, através do imaginativo jardim projetado por Roberto Burle-Marx, o arquiteto brasileiro das paisagens, que colaborou com Niemeyer neste projeto. A residência do senhor Tramaine representa, hoje em dia, a sintese arquitetural destes dois importantes estilos do século vinte: a geometria formalista de Le Corbusier e a livre forma metropomófica de Arp.

MARINHA — Pancetti

"Na Espadana Branca"

UMA ORIENTAÇÃO POR 5 MIL CRUZEIROS

Quando lemos no último número de LEITURA a notícia de que Murilo Mendes só havia encontrado um poeta no Recife, ficamos a fazer máu juizo do autor de MUNDO ENIGMA, de vez que em artigo escrito para LETRAS E ARTES êle afirmara ter encontrado na capital pernambucana vários poetas, citando diversos nomes. Mas logo depois, em carta a Edson Nery da Fonsêca, da qual o poeta Mauro Mota transcreveu um trecho na sua secção LITERATURA DA SEMANA, Murilo Mendes afirmou: "Eu nunca disse tal coisa, nem nunca isto me passou pela cabeça. Pelo contrário: no meu 2.º artigo sôbre o Recife, fiz questão de citar 8 ou 9 nomes de poetas".

A nota de LEITURA foi escrita pelo seu novo secretário, sr. Romeu Negromonte, que assinou apenas R. N. e de quem Mauro Mota disse o seguinte: "R. N. é um leviano cem por cento, que se move empurrado pelo espirito de intrigante e pelas mais deslavadas mentiras". Fazemos nossas igualmente estas palavras, não apenas pelo que R. N. escreveu, mas também porque permitiu que LEITURA dissesse, ao apresentá-lo como seu novo secretário, que êle havia sido, quando no Recife, diretor de REGIÃO e que esta revista pernambucana, sob sua direção, era melhor orientada. A tal mentira respondemos da seguinte maneira: o nome do sr. Romeu Negromonte nunca figurou em REGIÃO, como diretor. Êle foi apenas intermediário entre o sr. Luiz Negromonte — seu irmão — e a atual direção da revista, recebendo CINCO MIL CRUZEIROS pelo título, cujo recibo está em nosso poder. Se o sr. Romeu Negromonte fosse um rapaz tão dedicado às coisas do espirito, como insinua LEITURA, êle não devia ter permitido a venda do título, por importancia tão "insignificante", por ter de ir para o sul; devia ter pedido a seu irmão que passasse a revista a um dos "discipulos", afim de que a mesma continuasse "bem orientada". E ainda está em tempo, concluimos: desde que nos devolvam os CINCO MIL CRUZEIROS.

EDSON REGIS

LETRAS

RECEBEMOS o número 26 da revista LETRAS, orgão de divulgação cultural e dirigida pelos srs. Luiz Pinto e Oscar Ferreira Mano.

O aludido número, que é referente a fevereiro, apresenta numerosas colaborações.

Endereço: Av. Mem de Sá, 317 — Rio.

"BANDO"

JÁ se encontra em circulação o número 4.º da revista BANDO, orgão cultural dos novos do Rio Grande do Norte, que se reveste de um caráter sério e construtivo.

Dirigida pelos escritores Raimundo Nonato, M. Rodrigues de Melo, João Alves de Melo, Luiz Patriota, Verissimo de Melo e Helio Galvão, BANDO apresenta uma boa feição gráfica e varios trabalhos de interesse artistico, sociológico e historico.

No número em apreço, a referida revista insere colaborações de Nilo Pereira, Helio Galvão, Luiz da Camara Cascudo, Artur Ramos e outros.

Endereço de BANDO: Rua Dr. Barata, 175, Natal.

EDIÇÕES "ORFEU"

A REVISTA "ORFEU" prossegue com éxito em suas atividades editoriais para o corrente ano.

Depois de lançar á publicidade o livro do poeta Afonso Felix de Souza, ORFEU acaba de editar o livro de poesias O DESERTO E OS NUMEROS, de Edson Regis, ilustrado por Yllen Kerr.

CHARLES MORGAN

GRANDE é a aceitação no Brasil dos romances do escritor inglês Charles Morgan, como sejam SPARKENBROKE, A VIAGEM, O RETRATO NO ESPELHO e A FONTE. Agora surge mais um livro de Morgan, na Inglaterra. Trata-se de THE RIVER LINE, inspirado na guerra, tendo como cenário a França e a Belgica

TRADUÇÕES EM PORTUGUÊS

MAIS duas traduções acabam de surgir em português: O DIABO BRANCO, de Leon Tolstoi, adaptado recentemente ao cinema italiano, e PILÃO DE PRATA de Robert Louis Stevenson. A tradução dessas duas obras foi confiada aos srs. Boris Solomonov e Jaime Carlos Duarte, respectivamente.

"CANTICO DOS CANTICOS"

JOSE' Olimpio acaba de lançar nova edição de O CANTICO DOS CANTICOS, atribuído a Salomão, numa versão portuguesa do poeta Augusto Frederico Schmidt.

NOVO LIVRO DE POEMAS

FALA-SE que o poeta José Tavares de Miranda, autor de ALAMBOA, vai lançar mais um livro de versos. O autor, que mereceu os melhores elogios da critica nacional, faz parte do grupo de COLEGIO, revista dos "novos" bandeirantes.

JEAN COCTEAU

O autor de "L'ENFANTS TERRBLES" esteve recentemente nos Estados Unidos, onde assistiu á "premiere" de seu novo filme AGUIA COM DUAS CABEÇAS. Regressando a Paris escreveu para LES NOUVELLES LITTERAIRES uma série de artigos sobre o que viu na America.

Num desses artigos declarou Cocteau que os americanos estão perdendo tempo se preocupando com a "terrivel situação da França".

ANIVERSARIO DE "REVISTA BRANCA"

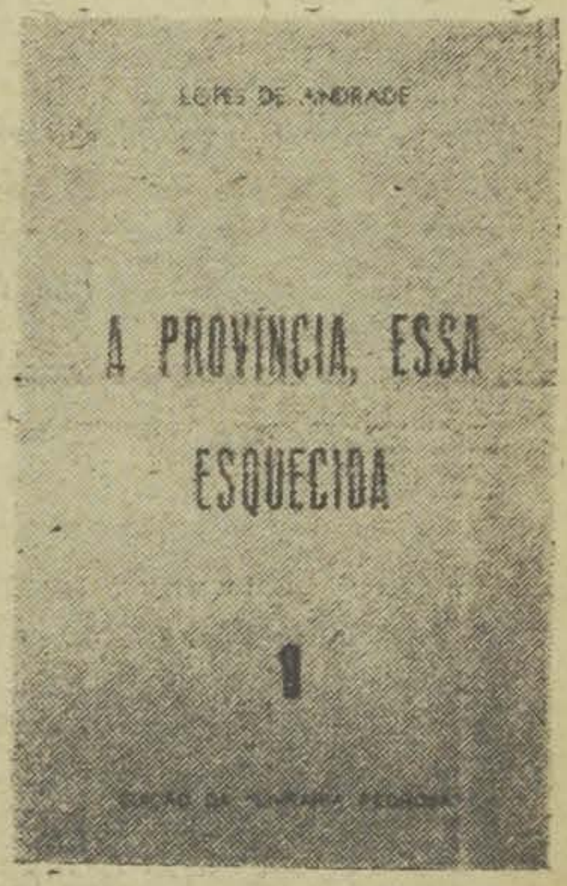
A REVISTA Branca, uma das publicações mais sérias da nova geração literária do pais, completou mais um ano de existencia. A vitoriosa revista é dirigida pelo jovem contista Saldanha Coelho e vem saindo pontualmente.

CORREIO DAS ARTES felicita a jóvem publicação e espera que a mesma continue na sua campanha de difusão cultural.

UM LIVRO DE WALFREDO RODRIGUEZ

FOMOS informados de que o pintor e historiador conterrâneo Walfredo Rodriguez esta escrevendo um livro sobre a historia da Paraiba.

Walfredo Rodriguez, que vem se dedicando aos estudos historicos, há muitos anos, dará, com a publicação desse seu trabalho uma boa contribuição ás letras e á cultura da Paraiba.



A 1.ª edição da "Livraria Pedrosa", de Campina Grande

Conversa com Carlos Drummond de Andrade

SOB A APARÊNCIA DE UMA CRIANÇA TIMIDA, O POETA ESCONDE UM INSUSPEITADO ESPÍRITO COMBATIVO — ALGUNS ENCONTROS E A REVELAÇÃO DE UM HOMEM SIMPLES — "NÃO TENHO ARTISTAS E ESCRITORES PREDILETOS. GOSTO DOS BONS", DECLARA O AUTOR DE "POESIA ATÉ AGORA" — TEM EM PREPARO UM LIVRO DE CONTOS E ALGUMAS ANTOLOGIAS

Reportagem de PERICLES LEAL

RIO — *Fui apresentado a Carlos Drummond de Andrade por Newton Freitas e João Condé. Isto se deu há pouco tempo, quando se verificaram os preparativos para as recentes e turbulentas eleições para a Associação Brasileira de Escritores. As notícias das eleições da ABDE já devem ter chegado até aí, uma vez que os noticiários dos jornais de toda parte do Brasil abriram colunas para os acontecimentos que se desenrolaram alí. Como é de conhecimento geral, haviam duas chapas: uma, encabeçada pelo sr. Afonso Arinos de Melo Franco e outra pelo sr. Homero Pires. Confesso que nunca vi nenhum desses cidadãos maios gordos. Porisso, procurei os demais componentes das referidas chapas. A primeira agradou me mais. E votei em Afonso Arinos.*

Mas isto não interessaria ao leitor se não fôra a constatação que tive, antes e depois das eleições, do extraordinário espírito combativo de Carlos Drummond de Andrade. E isto é algo insuspeitado no admiravel poeta de POESIA ATE' AGORA, para quem o conhece, magro, pálido, de grandes óculos de aros negros, a fala mansa e quase imperceptivel (imagino um bate-papo entre Drummond e José Santa Cruz, outro que fala pensando que o interlocutor tem antenas nos ouvidos...), os gestos calmos e uma finura de tratamento que põe a pessoa recém-apresentada à vontade.

Entretanto, na hora da luta, êle se transforma. Nas eleições da ABDE foi o mais destemido, o mais forte e o mais corajoso. Dir-se-ia que não pregou olhos uma única noite, telefonando para os conhecidos, pedindo e convencendo-os da necessidade de votar na chapa democrática. No dia do pleito, estava na barricada. A chapa democrática foi eleita por maioria convincente. Entretanto, os comunistas que apoiavam o sr. Homero Pires não se conformaram com a derrota. E houve "sururú" na ABDE, "pegá" êste de que todo o país teve notícia e no qual Drummond tomou parte de gigante, destemerosamente enfrentando os provocadores da extrema-esquerda.

A luta poderia ter terminado aí. Mas a nova diretoria, apezar de eleita por maioria ,não foi empossada pelos antigos dirigentes, mesmo a despeito do sr. Alvaro Lins, ex-presidente da ABDE, declarar que reconhecia a nova diretoria eleita.

Ouros "pegas" se sucederam. Vendo a infrutividade da luta, Carlos Drummond reconheceu que só havia uma saída: convocar uma retirada em massa de todos aqueles que haviam votado com Afonso Arinos. Ainda desta vez foi êle o capitão. E ainda tenho na minha gaveta o seu telegrama, no qual pedia minha solidariedade no movimento. E' excusado dizer que ainda desta vez estive ao seu lado.

Esses episódios, se bem que não interessem muito à esta reportagem, servem para documentar o espírito combativo do poeta máximo do Brasil, o de aparência de criança tímida e coração de guerreiro lendário.

Foi daí que nasceu a idéia desta reportagem. Apezar de Carlos Drummond de Andrade ser um dos escritores mais entrevistados do país, as suas respostas, ao nosso inquérito rápido, possuem grande interesse, especialmente na notícia que nos dá de que tem, em preparo, um livro de contos.

FALA O POETA

Carlos Drummond de Andrade, o nome mais expressivo da poesia brasileira contemporânea, é funcionário público (se não me engano, chefe de secção), prestando seus serviços no Ministério da Educação (8.º andar), no Serviço do Patrimônio Histórico. Lá pode ser encontrado todas as tardes, nos seus trabalhos normais e humanissimos como qualquer outro servidor da Nação.

Na tarde da entrevista, o poeta aparentemente não estava nos seus bons dias. Pediram-me para deixar as perguntas que responderia, a vagar, em casa, num momento de folga. E agora, pouco mais de uma semana depois, recebo o pequeno questionário devidamente preenchido.

Inicialmente, perguntei quais teriam sido os escritores ou ambientes que haviam influido para a construção de sua obra poetica, ao que êle respondeu:

"— Seria dificil fazer uma lista das influências. Tudo influi: os livros, a paisagem, os costumes".

E como sempre acontece em entrevistas desta natureza, a segunda pergunta nada tinha a ver com a primeira:

— Qual o seu escritor ou artista predileto?

"— Não tenho artistas e escritores predileto. Gosto dos bons".

— Como prefere escrever?

"— A' máquina, em casa, pela manhã".

— A seu ver, quais os fatores que concorreram para o seu êxito?

E Drummond, modestamente, respondeu:

"— Ignoro se tive êxito. Contento me em saber que tenho alguns amigos".

— Pretende escrever suas memórias?

"— Não".

— Por que os escritores brasileiros pensam assim também, se distanciando dos escritores estrangeiros, os francêses especialmente?

"— Nossos escritores estão muito presos às obrigações cotidianas, inclusive a de produzir para publicar imediatamente. Falta lhes tempo para escrever diários, que êles não poderiam divulgar em vida..."

— Qual deve ser a posição do escritor na hora presente?

Fugindo à objetividade da pergunta e talvez por não querer se definir, Carlos Drummond saiu-se com esta resposta, a que não falta humor:

"— De pé, sentado, ou deitado".

Sôbre a propalada decadência da literatura brasileira (boato absurdo e de quem não tem assunto para escrever), declarou:

— E' tolice. A literatura brasileira ainda está nascendo".

— Tem algum novo livro em preparo?

"— Um livro de contos e algumas antologias".

POESIA E VIDA

ADERBAL JUREMA

NA verdade não se pode exigir do poeta uma inspiração dirigida como querem certos ditadores de modas literárias. Mas, também, num tempo como o nosso, os poetas não podem viver eternamente com os pés no vácuo e a imaginação nas estrelas. A sua sensibilidade tem que reagir diante do quotidiano como aconteceu a um Castro Alves, por exemplo. Daí o grande poema do sr. Mauro Mota na revista "Clã", se não me engano, sôbre a passagem dos americanos pelo Recife e as suas consequências sentimentais.

Um poema dêsses saído das mãos do poeta das Elegias, indica as grandes possibilidades que êle possúe de nos dar coisas cinda mais significativas sôbre a vida de sua cidade.

A poesia não pode ficar indiferente à vida, porque ela é, sem dúvida, a vida na sua maior vivência e ternura como a entendiam todas as grandes vozes da poesia universal desde François Villon a Walt Whitman. Muitos cantares estão aí, no ar, esperando que as antenas dos nossos jovens poetas saibam captá-los para as suas expansões líricas. Depende somente do poeta não se fechar em tôrres de marfim adrede preparadas e — nas pegadas do conselho de Rilke — cantar as coisas triviais que são as mais ricas de elemento poético na sua humildade franciscana. E cantá-las com vozes másculas sem se importar com o espanto e a incompreensão dos acomodatícios, dos água-de-flôr-de-laranja de todos os tempos. Assim penso, porque se a poesia continuar nêsse marche-marche de mansinho terminará igualzinha à literatura de salão recitada ao som da Dalila.

E' preciso coragem de cantar tão alto como as cigarras dos eucaliptos, embora corramos o perigo de estourar pelas costas.

Mas quem foi que disse que poeta não morre?... A sua poesia, sim, será eterna, se de fato trouxer u'a mensagem de fraternidade e beleza para os nossos irmãos agoniados com os problemas danados do tempo que passa.

TRENO PARA NIELS LHYNE

FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

QUANDO AS FOLHAS TOMBAM
SOU EU EXISTINDO
EXTINGUINDO-ME NAS HORAS,
QUE O PENSAR É UMA FLOR
QUE O VENTO DESFIA
SOB O AZUL, NO TERRAÇO.
COISAS HÁ, A DIZER,
QUE NUNCA SERÃO DITAS
E JAMAIS SENTIDAS DE NOVO
EMBORA EXISTAM EM NÓS.
QUE FAZER SE AS MÁGOAS
NOS OFUSCAM AS EMOÇÕES?

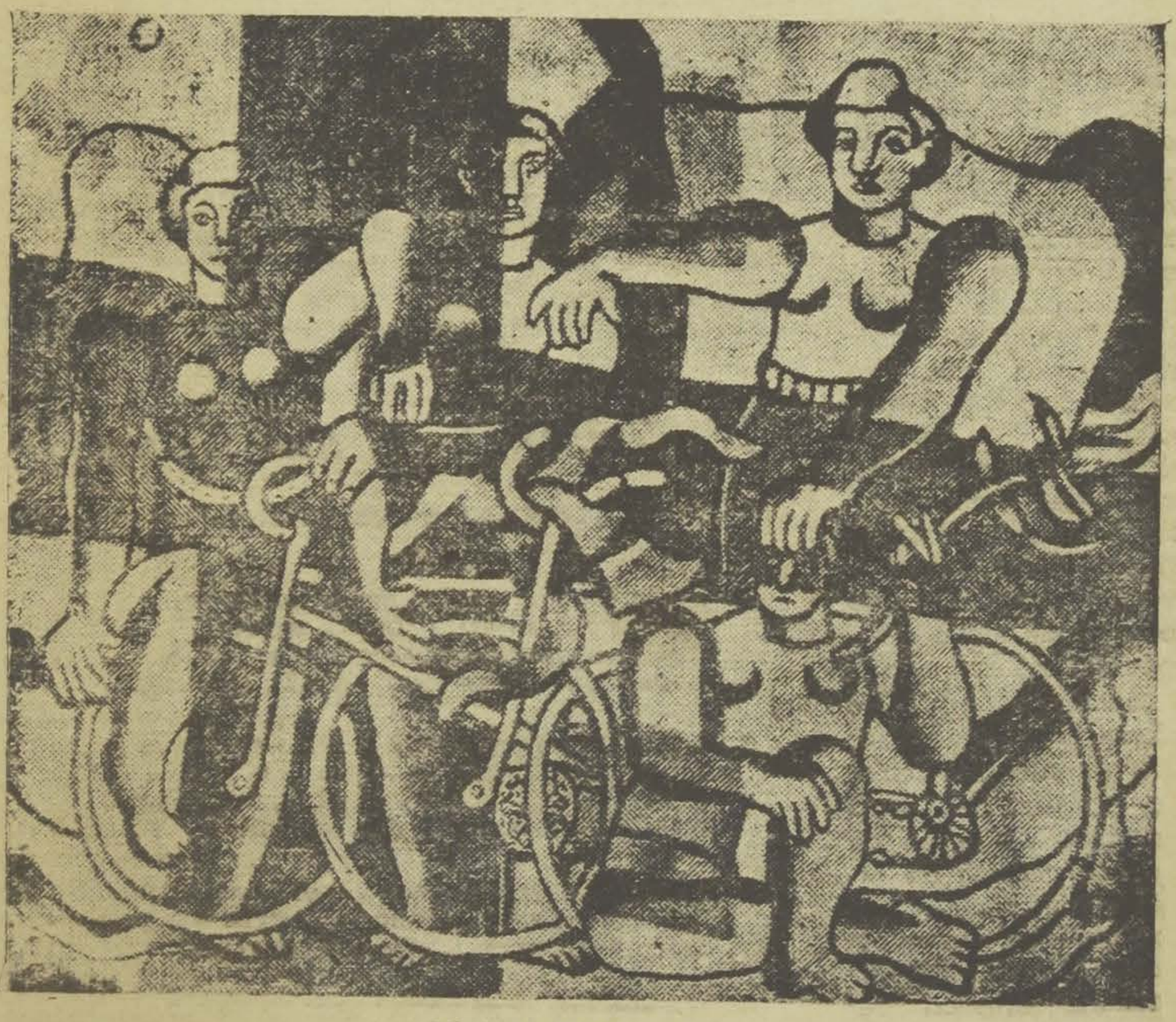
A SINFONIA CRESCE NA ROSA
QUE NO PENSAMENTO BROTA.
SEMPRE QUE RESSURGES À MEMÓRIA,
VIVIFICANDO OS DIAS IDOS.
A DEFINIR A SOMBRA QUE PESA
E DÓI, NO RETÔRNO AO PASSADO.
QUANTO MAIOR É A FUGA
MAIOR A MINHA SOLIDÃO
ENTRE OS HOMENS.
TÃO DIMINUIDO ME SINTO
COMO SE PESASSE SÔBRE MIM
A SOMBRA DE UM CIPRESTE.

Grande parte da "nova geração", senão a sua totalidade, vem criticando acerbamente (e sem razão, é bom dizer de passagem) a poesia do autor da "ROSA DO POVO". Ao indagarmos, contudo, o que pensava dos "novos", êle limitou-se a responder sem qualquer rancor:

"— A. tem talento; B. não tem; C. talvez tenha. E assim por diante, como em todas as gerações".

Como não podia deixar de suceder tive curiosidade em saber qual a opinião do grande poeta brasileiro acerca do CORREIO DAS ARTES. Eis a sua resposta, com a qual concordo em grande parte:

— O número que ví estava muito interessante. E pode melhorar mais, com a seleção e remuneração dos colaboradores".



OS CICLISTAS — Leger

INTERPRETAÇÕES

CLOVIS ASSUMPÇÃO

A ARTE moderna generalizada em todo o Brasil, tem adquirido através do tempo diversos focos de revitalização. A importancia dos Estados, subindo constantemente, tem contribuido, não somente para um grande enriquecimento, como tambem projetando variadas experiências, multiplicar os aspectos fundamentais e de acidente na obra de arte, englobada em ligadura num todo típico brasileiro. Fernando de Azevedo n' "A Cultura Brasileira" pag. 270 afirma: O Movimento de arte moderna é dos Estados que se irradia, da periferia para o centro:..." e continua muito acertadamente: "... o seu maior foco de expansão acende-se na capital paulista em que não só se reunem, para favorecer as artes, a riqueza produzida pela cultura do café e pelo desenvolvimento industrial e um sistema certamente mais completo de instrução, como ainda concorre para a renovação do espirito e a variedade de tendencias, o encontro, na cidade cosmopolita de diferentes grupos etnicos e de culturas diversas". Alem da contribuição de nomes relevantes, com obras de grande estatura, as Provincias originaram fortes correntes de qualidade media que, sedimentadas e sobrepostas, inegavelmente, contribuem para a origem de uma espécie de tradição muito inicial e jovem, é claro, da arte moderna, de modo a sobrepujar não um espirito inventivo e criador isolado, mas uma verdadeira experiencia coletiva, traduzindo uma identidade de vistas de notavel maioria de artistas, no sentido da criação de uma nova estética. As contribuições à cultura artistica regionais, diferentes pelo fundo e forma, técnicas e semelhantes pela diretriz estética, não somente dão nova dimensão à arte brasileira como acertam o passo com a arte do mundo. Tambem Viana Moog encarou a importancia do problema, quando n' "Uma Intepretação da Literatura Brasileira", divide o país em sete partes: Amazonas ,Nordeste, Bahia, Minas, São Paulo, Grande do Sul e Metropole, dando à cada uma delas uma característica especial. Sem divisão, nos interessa de momento apenas evidenciar o ponto de vista da valorização do Estado e importancia de sua vida e qualidade artisticas.

Deste modo a contribuição da critica dos Estados, tambem salienta-se. No Paraná, realizando-se em seu territorio ou dele expandido-se, o movimento da critica literaria, baseado em solidos fundamentos e finalidades, tem sido dos mais evidentes, ressaltando de sobremodo pelo fato de se tratar de uma provincia de cultura nova, com relação à outras unidades da União. Somente o triangulo Nestor Vitor, Andrade Muricy e Wilson Martins, é capaz de atestar um alto nivel de crítica. Localizaremos Wilson Martins, o mais novo de todos os três, com "Interpretações", livro onde estão reunidos seus artigos publicados no jornal "O Dia" de Curitiba, em rodapé, com modificações especialmente por ele introduzidas. Precedido por Nestor Vitor e Andrade Muricy, eralhe mais do que necessaria uma atitude de vigilancia, de auto-dominio e de aperfeiçoamento contínuo, à qual sujeitou-se entregando-se à determinação conciente de melhorar sempre. Seguindo o método crítico por êle, mesmo chamado de interpretação, procura investigar mais do que nunca uma obra sob multiplos aspectos, ainda confrontando a realidade da obra em si, com outras realidades, em penetração interpretativa, ressaltando e extraindo dimensões e valores novos. Além desta interpretação, constituindo a essencia e fundamento do processo do critico Wilson Martins, evidencio o aspecto explicativo, permitindo um tratamento paciente e moderado, sem jamais precipitar ou sobrepairar indefinido sobre o assunto, pelo contrario encarando-o de modo honesto e, principalmente, traduzindo todas as dificuldades e concepções em palavras simples, virtude relevante, embora para tal finalidade não tenha receio de socorrer-se da facilidade das imagens, criados, às vezes, para maior compreensão. Bem ordenado, superando-se, esquece os velhos moldes da critica, entre os quais a posição de julgamento doutoral ou de autoridade de professores para exercitando lúcido virtuosismo, criar uma nova crítica, atualizada e compreensiva, de responsabilidades marcantes. O interesse vital, a paixão pelo assunto, o vigilancia, a percepção do inexgotavel do conteúdo da arte, a humanidade do verdadeiro criador, estão palpaveis nas "Interpretações". Conclusões seguras ante o miterio da poesia. Equilibrio no estudo rápido sobre Dostoiewsky, verificado e perfeitamente exposto, em poucas palavras, Wilson Martins, tão sobrio, derrama-se em verdadeiro desafogo e reverberação para com Mario de Andrade. Estas revelações, contudo, não discordam de sua linha fundamental, de sua legitima diretriz de critico, antes revelam um estranho ardor, (perfeitafeitamente louvavel para com o criticado) e ilustram seu conceito sobre a critica, que, de entre outros perigos deve afastar-se do julgamento pelo julgamento mesmo, e que o crítico confirma aqui, reunindo-se identificado com a obra criticada, amando-a e louvando-a, em dificil e legitimo equilibrio, banhado em nova luz, revelando-se o criador.

No Túmulo de um Amigo

EGIDIO DE OLIVEIRA LIMA

SOBRE O LEITO ONDE DORMES SOLITARIO
DEPONHO A MINHA LAGRIMA SENTIDA
FOI-TE O DESTINO TRAIÇOEIRO E VARIO
ROUBANDO-TE, TAO CEDO, A MAE QUERIDA!

A ALMA DE TEUS PAPAS — PURO SACRARIO
DE VIRTUDES SEM PAR — SANGRA, FERIDA,
A LEMBRANÇA DO DRAMA EXTRAORDINARIO
EM QUE — INFELIZ ATOR — PERDESTE A VIDA

"DE LA, DO ETERIO TRONO, AONDE VOASTE",
VES, COM CERTEZA, QUAO PUNGENTE É A DOR
DESSES QUERIDOS ENTES QUE DEIXASTE,

A DEUS POR ELES ROGA! NUM MOMENTO,
DEUS — QUE É UMA FONTE DE PERENE AMOR,
HA-DE LHES MINORAR O SOFRIMENTO!..

D E S A L E N T O

Conto de HAMILTON PEQUENO

O TELEGRAMA sobre a mesa, contendo uma mensagem laconica e desesperante: "Desde já, tudo terminado entre nós". Reinaldo olha, lê, repete insensivelmente as mesmas palavras, e não póde acreditar. Terminado, sem que ele compreenda porque. Nenhuma explicação. Nada que justifique a resolução inesperada. Sente uma sensação estranha, como se alguma coisa tivesse sido desligada, bruscamente, do seu próprio ser. Procura um motivo plausivel. E não encontra. A cabeça começa a doer. Há horas que está ali sem saber o que fazer. Incapaz de decidir o que quer que seja, somente com o conhecimento da sua angustia, de seu desespero. Ester longe e perdida. Nunca mais uma carta, nem a sua presença querida. Todos os planos desmoronados, todo o futuro sacrificado. Sem saber porque. "Tudo terminado". A frase martela sem cessar dentro da sua cabeça.

* * *

A igreja destaca-se contra o céu azul. Passam mulheres com véus brancos, carregando rosários e missais. Homens de todas as idades encaminham-se para as orações da manhã. Ester aponta na esquina, com um casaco branco e saia azul. Os cabelos soltos ao vento, os lábios abertos num sorriso. Aproxima-se num andar ritmado, e os seios graúdos oscilam de leve sob a blusa ligada. Um pensamento passa pela mente de Reinaldo. Um pensamento que ele afasta com energia, quase com violência. Aquela combinação do azul com o branco é uma das suas predileções. A blusa projeta o busto bonito de Ester, onde nunca demora os pensamentos. Não é assim que deseja pensar nela. Basta sabê-la junto de si, com o seu sorriso, com as suas mãos tépidas, as suas palavras de conforto.

— Está esperando há muito tempo?

— Não. Sabia que você não demorava.

Ester segura-lhe o braço.

— Vamos andar um pouco, enquanto chega a hora da missa. Tenho uma coisa para lhe mostrar.

— Que é?

— Deixe de ser curioso. Isso é muito feio.

Chegam à praça. Logo que se senta, Ester abre o livro de orações.

— Veja — diz retirando uma fotografia — foi do meu tempo de colégio.

Reinaldo olha. Vê uma garota reconchuda, de farda, segurando um ramo de flores. Nada que lembre a criatura que se encontra ao seu lado.

— Que diz?

— Não se parece com você.

— Ora, ora, pois sou eu mesma.

Reinaldo ri.

— E esta aqui? — tornou Ester exibindo outro retrato.

— Bem, agora é você.

— Pois é a mesma pessoa que lhe mostrei antes, seu tolo.

Enquanto procura no livro outras fotografias, um cartão escapa de entre as folhas e cai aos seus pés. Ester apanha-o num gesto rápido e fecha o volume.

— Que foi? — pergunta Reinaldo.

— Nada.

— Diga.

— Deixe de ser curioso. Nenhuma coisa de importância.

— E' crime querer saber?

— E' crime ser curioso.

— Mas eu quero ver.

— Não posso lhe mostrar. E' segredo.

— Deixe ver.

Ester levanta as sobrancelhas, inclinando a cabeça de lado.

— Não seja insistente, menino. Isso é feio!

Reinaldo tenta apoderar-se do livro. Ester levanta-se.

— Não e não. Já disse que não pode ser. E olhe que estamos na praça. Já se esqueceu?

Não responde. Está se sentindo contrariado. Fica calado. Serio e grave.

— Ficou com raiva?

— Não.

— Então vamos para a igreja. Isso passa depois das orações.

— Ester?

Ela volta-se com as sobrancelhas erguidas, os lábios unidos e salientes, numa interrogação.

— Não vai mostrar?

— Menino impertinente. E uma fotografia de quando eu tinha apenas poucos mêses de idade.

— Então deixe ver.

— Agora não. Está na hora da missa. Não ouve os sinos? O pessoal não deve tardar. Quer ser surpreendido?

— Está bem.

— Quando sair da igreja eu mostro. Vou cantar no côro. Espere-me na saida.

Aperta-lhe a mão. Reinaldo acompanha-a com o olhar. Repiques de sinos dominam a manhã. Ester desaparece na porta grande, com um último aceno.

* * *

Tem vontade de sair. De andar pelas ruas, sem destino, até cair em algum lugar em que ninguem possa descobri-lo. Batem à porta.

— Quem é?

— Seu Reinaldo, o jantar está na mesa.

Não responde.

A copeira entra no quarto.

— A sopa vai esfriar.

— Não quero jantar.

— Não quer jantar, seu Reinaldo?

— Não! — responde quase com violência.

A copeira retira-se assustada. Ouve os seus esmungos ao longo do corredor. Depois o silêncio. O vasio e a confusão de emoções. Alguma coisa dentro de si quer reagir. Sentimento de que existem outras mulheres, de que poderá encontrar uma nova companheira, uma criatura melhor do que aquela que saiu da sua vida. Voltam as palavras amargas. O desencanto da violentação do seu amor próprio, da sua amizade. Impossivel conformar-se, tentar conseguir uma nova afeição. Nenhuma será igual a Ester. Onde um sorriso como aquele, um modo de inclinar a cabeça, de erguer as sobrancelhas? Nenhuma terá o seu encanto, a beleza

dos seus gestos. Sobre a mesa o telegrama, a prateleira cheia de livros. "Tudo terminado". Para que os livros, para que as suas ambições? Nada adianta. Ester não voltará mais. Sem ela a vida não tem sentido e todo o futuro está perdido.

* * *

Fim de tarde quieto e melancólico. As mangueiras descendo pela encosta, os barcos deslisando silenciosamente pelas aguas tranquilas do Sanhauá, com as velas abertas ao vento. Silhuetas distantes de montanhas contra um céu de cores imprecisas. As cigarras na tristeza crepuscular. Sol poente nos cabelos de Ester que se enchem de lampejos de ouro. Reinaldo olha para ela e não pode conter a emoção que o domina. Recostada contra a janela, tem os olhos perdidos ao longo, os braços alvos e sedosos cruzados sobre o peito. O silêncio invade o Mosteiro de São Francisco.

— Sente, Reinaldo, a beleza desse momento? — diz Ester de repente.

— Sinto e fico triste.

— E fica triste?

— Porque vai passar e talvez não mais se repita.

Ester sorri. Os dentes alvos cintilam e o seu rosto se anima.

— Não. Não diga assim. Há de se repetir.

Reinaldo sente que deve dizer que podem não voltar. Que tudo um dia mudará. Lembra-se de Adolfo, o irmão de Ester, das reclamações do pai dela, das objeções que ele faz à amizade que ela lhe dedica. Talvez não se repitam aqueles momentos. Se pudesse estreitá-la nos braços, beijar-lhe os cabelos, sentir a maciesa de seu rosto. Está ali, junto dele, e não tem ánimo para tocar-lhe. Envergonha-se até dos seus pensamentos. Não é assim que deseja a companhia de Ester. Ela não é, não pode ser como as outras.

— Quero que você acredite nos dias que ainda nos esperam — diz Ester.

— Eu quero acreditar. E' preciso que acredite.

Ela pousa de leve a mão sobre os seus cabelos.

— Vai ver que todas as dificuldades hão de passar. Tudo se arranja.

— Se tudo fosse tão facil, Ester... E' porque não sabe como tenho sofrido.

— Pensa que eu também não sofro? Julga que não sinto essa situação em que vivemos, que não me amarguram as proibições de papai, a vigilância de Adolfo? Vivo em pesadelo. Os únicos instantes que me alegram são os que passo com você.

— Ester...

O rosto dela tem uma beleza que não é terrena, à luz que foge. Um rosto para afagar, para preservar contra toda e qualquer ação que sobre ele passa ter o tempo. Para sentir sempre o seu perfume e a sua calma beleza.

— Ester...

— Fale. Quero ouvi-lo.

— Já não sei. Já não sei bem o que era. São tantas as coisas que tenho para lhe dizer, e tão escassos os minutos que passamos juntos, que tudo se reune na minha cabeça e perco a ordem de exposição, esqueço as palavras.

A mão de Ester passeia sobre os seus cabelos, numa carícia inefavel.

— Eu sei. O nosso tempo passa voando, os nossos encontros pouco se repetem. Mas não depende de mim. Não depende. E vivo num martirio lutando para torna-lo.

— Ester, hei de arranjar um bom emprego. Lutarei com as forças que recebo de você. Mas terá de esperar, teremos muito que esperar, e isso me aflige.

— Não me cansarei.

— Acredito, querida.

— Estamos no Mosteiro de São Francisco, nessa tarde crepuscular de dezembro, e ineu a minha promessa de que hei de esperar. Vale como um juramento. A nenhum outro, querido, a nenhum outro pertencerei.

A felicidade embriagodora daquelas palavras. As cigarras cantando na penumbra, os barcos passando com as velas abertas os cabelos de Ester, invadidos lentamente pela sombra. Reinaldo fica dominado pela emoção, com a garganta opressa e sem voz. O Mosteiro de São Francisco torna-se sombrio, com a ausência da luz poente. Os reparos que estão fazendo nas imagens, desprende um odor de óleo e madeira de cedro. Sente novamente a tentação de tomar Ester nos braços, no seu entusiasmo delirante, de beijar-lhe os lábios, os cabelos, de aperta-la com força, sentindo-lhe o calor do corpo, o pulsar do coração. Não faz um movimento. Tem a impressão de que se fizer o que deseja cometerá um sacrilégio, profanará uma imagem na sua pureza intocada. Ester retira a mão de sua cabeça. Terá percebido os seus pensamentos? Terá suspeitado? Fica inquéto. Mas não. Ela sorri. Segura-lhe o braço.

— Vamos sair, Reinaldo. Está ficando tarde. A visita que fizemos ao Mosteiro esta tarde, há de ficar em nossa memória.

Ficará, reflete Reinaldo, com as suas palavras, as cigarras, os barcos, e toda a melancolia da tarde. Uma lembrança feliz entre tantas outras dolorosas.

— Relembremos, queridos nos nossos dias futuros, essas horas boas que tivemos hoje. Sabe? Sinto-me feliz. Completamente feliz. E quando estou assim, tenho vontade de cantar.

Para um momento, quando chegam ao lado de fóra, e olha para Reinaldo.

— Mas não respondeu. Não se sente feliz?

— Ora, você sabe que sim.

— Então ria.

Reinaldo sorri.

— Não meu caro. Não é assim que eu quero o seu sorriso. Quero uma prova de alegria, e não uma demonstração de que a sua alma sofre.

— Você sabe que só me traz alegria.

— Alegria e sofrimento. Os nossos sentimentos são comuns. Se agora eu tenho vontade de cantar, por estar com você logo que chego em casa tenho necessidade de chorar, dentro da minha solidão. Mas ouça: estaremos unidos de qualquer forma, em todas as ocasiões, contra tudo o que nos faz sofrer.

* * *

Reinaldo passa a mão pelo rosto, alisa os cabelos, num gesto de automato. Sente a testa molhada de suor e a dor de cabeça torna-se insuportavel. Que é que vai fazer? Pancadas na porta. Quem é que vem procurá-lo? Não tem amigos, não conta com ninguem.

Alguem chama, de fóra:

— Seu Reinaldo, por que não vem jantar?

Reconhece a voz de d. Regina, a dona da pensão.

— Não quero não d. Regina.

Ela insiste.

— Pensei que fosse conversada negra. Vim saber se o senhor está sentindo alguma coisa.

— Estou passando bem, d. Regina. Mas não quero jantar.

— Está bem, — diz ela. E se afasta batendo com os tamancos nos tijolos do corredor.

Jantar. Jantar. Só é em que falam. Como se pudesse comer alguma coisa, como se fosse possivel. Gente idiota. Não vão deixá-lo em paz. Melhor sair. Aonde ir? Um amigo, que falta faz um amigo, a quem confiar a amargura que lhe sufoca a alma. E' preferivel sair, andar, á-tôa, sem direção, sem rumo. Talvez melhore da dor de cabeça. Talvez passe mais a angustia inconsolavel.

Veste o paletó e sai para a rua, sem ao menos lançar um olhar para o espelho, sem colocar a gravata nem o chapéu.

Começa a andar. Percorre ruas, encontra pessoas que não conhece. Tudo lhe parece insipido, terrivelmente vasio. As palavras do telegrama embaralham-se na sua cabeça. Acabado, tudo cabado. Por que? Por que? Repete sem cessar a si mesmo. De repente, bate contra alguem que vem em sentido contrário. Solta uma desculpa.

— Vem cégo?

A figura que não tomou forma diante dos seus olhos continúa a falar, enquanto se afasta.

— Olhe como anda, moço!

* * *

O trabalho na loja de seu Fagundes já não oferece nenhuma compensação, já não lhe satisfaz. Anotar no livro-caixa todas as mercadorias vendidas, atender aos freguezes impertinentes, não é isso que deseja fazer, o que ambiciona. Reinaldo sente-se mal, constrangido, ofendendo-se com os olhares superiores, com as exigencias do seu Fagundes. A' noite, fica acordado até tarde, consultando livros emprestados, à luz de uma lamparina fumarenta. O sono torna-se impertinente, ne tra-

balho. Sono e cansaço, já não o deixam tranquilo, e também o desejo de mudar de profissão. Um dia, seu Fagundes chama-o ao escritório. Acende um cigarro dá meia volta em torno da mesa e encara Reinaldo.

— O senhor já não está servindo para o meu serviço seu Reinaldo.

Reinaldo sente um calafrio. Não gosta do emprego. Mas de que é que vai viver? Como pagar a pensão, a lavadeira e o que deve na loja?

— Tenho notado que o senhor está muito desinteressado. Noto-lhe também uns ares superiores. Que é que o senhor está pensando que é? Não quero empregados superiores com os meus freguezes. Todos têm que ser humildes, sorridentes e atenciosos.

Procurarei ser cortês.

— Então o senhor procurará ser cortês, hein?

Chupa o cigarro e lança a fumaça para o ar, de um jato.

— Tinha graça. Ora ser cortês.

Pigarreia e lança um olhar feroz.

— O dono aqui sou eu, ouviu? Não quero empregado cortês, quero empregado humilde. Se não for assim não me serve. O senhor tem que ser servil está ouvindo?

— Seu Fagundes, eu não posso me sujeitar a uma coisa dessa.

— Não pode hein? Diz que não pode? Então suma-se daqui e não me apareça mais. Receba do caixa o que tem direito, seu atrevido. E nem mais uma palavra.

* * *

Dias e meses à procura de um novo emprego. Recusas em toda parte, perguntas e promessas. E o dinheiro faltando, a dona da pensão de cara fechada, resmungando pelos cantos fazendo promessas veladas. A lavadeira deixando de levar a roupa, prendendo as camisas, resmungando ameaças. O lugar de quinhentos cruzeiros, no escritório de uma fábrica de cigarros, surgiu por acaso. Resolveu não dizer mais que não sabia fazer nada, responder afirmativamente a tudo que lhe perguntassem. E arranjou o emprego. Sòmente a lamentar o cheiro ativo de tabaco e a monotonia de encher talões de venda o dia inteiro — até quando? Gente entrando e saindo, o chefe com um lapis atrás da orelha, dando ordens, movimentando-se de um lado para outro. Não se desagradou de Reinaldo. Dentro de dois mêses teve um aumento de mais cem cruzeiros, e a dona da pensão falou em aumentar a mensalidade. O serviço torna-se fatigante tedioso. Ester traz novas ambições, o sentimento da vida que sempre sonhou.

* * *

A ansiedade dos olhos de Ester, na manhã fria de julho. Reinaldo julga ver lágrimas, e sente-se miseravel. Fica parado, esperando que ela lhe fale.

— Meu bem, eu não quero que você pense mal de mim. Não quero que isso aconteça.

— Mas Ester nem por sombras...

Estão na Rua Beaurepaire Rohan, num momento de grande movimento. Ester olha inquieta, para os lados.

— Diz isso porque não sabe. Vamos para outro lugar. Mas, meu Deus, não posso me afastar muito. Adolfo anda à minha procura.

Na praça Pedro Americo, debaixo das arvores escuras e altas, ela conta com voz tremula:

— Fugi para falar com você. Não podia deixar de fazê-lo.

— Querida, você está muito perturbada.

Ester aperta as mãos, morde os lábios, olhando sem cessar para os lados.

— Tive que concordar, Reinaldo. Não poude ser de outra forma. Por favor, não me julgue mal.

— Por que iria fazer tal?

Ela começa a chorar, silenciosamente.

— Vão me mandar para o Rio, para longe de você. Querem fazer-me esquecer. Planejam esta viagem, querido, estão todos contra nós, até a minha mãe, em quem julgava que poderia confiar.

Toma uma das mãos dele e encosta-a contra o rosto, num gesto rápido, encharcando-a de lágrimas.

— Mas eu não quero ir, querido. Compreenda, eu não quero ir.

Reinaldo fica calado, emudecido pela surpresa.

— Não pense que quero ir, não pense isso de mim, querido.

— Ester, eu não vou pensar isso de você. Mesmo que quisesse, mesmo que houvessem razões, não poderia.

— Tenho mêdo, Reinaldo. Tenho receio que não me deixem voltar. E o pior você não imagina, querem fazer o meu casamento com um primo, que mora lá.

Reinaldo sente uma sensação de desequilibrio, como se estivesse na iminência de cair.

— Eu não quero ir, mas se não concordasse eles me levariam de qualquer forma, e talvez não conseguisse voltar. Foi porisso que tive de concordar. Mas não fique calado assim, querido, sem ao menos me dizer uma palavra de consolo, sem me prometer que estará à minha espera.

Olha novamente para os lados e diz num sobresalto:

— Adolfo já está parado, ali na calçada. Não quero que nos veja. Vá ver-me hoje de noite, querido, vou fugir para falar com você. Espere-me na esquina. Promete?

— Prometo.

— Diga, estou com os olhos muito vermelhos?

Ele entrega-lhe o lenço, sem uma palavra.

Ester enxuga os olhos e depois de devolver o lenço afasta-se apressadamente. Do outro lado, na esquina dos Correios e Telegrafos, Adolfo está em pé, olhando para a Praça, com uma mão enfiada no bolso da calça e a outra rodando a corrente do relógio.

* * *

Interminaveis as horas de espera, olhando da esquina portão grande, de ferro batido, da casa que fica do outro lado. Nenhum vulto, nenhuma sombra. Um automovel para e saltam duas senhoras que não tornam a aparecer. Tudo quieto, sem vestigios de Ester. Reinaldo não pode sair dali. Não pode afastar-se sem levar a convicção de que ela está em casa, de que pode aparecer a qualquer momento. E isso seria uma pena. Pediu que esperasse e ele esperará. Terá que surgir, sairá daquele portão para vir falar-lhe, desculpando-se por ter demorado tanto. As horas passam, com uma lentidão exasperante. Reinaldo já não suporta mais. Quatro horas em pé, naquela esquina. Resolve ir embora. Ester não sairá mais a essa hora. Quando vai afastar-se, uma pessoa aparece no portão. Nova esperança. O vulto pára durante alguns segundos e depois avança na sua direção. Uma empregada.

— E' o senhor que está esperando por d. Ester?

— Sou, — diz com o coração pulsando rapidamente dentro do peito.

— Ela não pode sair. Esperou até agora e não sairam de perto dela. Mandou dizer ao senhor que viaja amanhã. Que lhe escreverá de lá. Já ia me esquecendo: também mandou pedir desculpas por não ter vindo.

A empregada mostra os dentes e continúa o seu caminho.

* * *

Parado na Praça Pedro Americo, no mesmo lugar em que a viu pela última vez. Para que tornar mais aguda a sua dor? Reinaldo olha. A Praça está deserta quase sem luz. Nenhuma pessoa passa, agora por aquele lugar. Somente ele, imovel, sem chapéu, com os cabelos desfeitos, a camisa aberta sobre o peito, os pensamentos perdidos no passado. As palavras voltam. Ester está ali segurando-lhe a mão, pedindo que espere por ela. Nada mais existe. Tudo acabado. Já não há mais esperança de tornar a vê-la. Reinaldo sente-se humilhado e miseravel. A cabeça dolorida pesa como um fardo. Ester não voltará. Fizeram o seu casamento com o primo ou com um homem qualquer, de economias largas. Ele, que é que pode oferecer? Abana a cabeça, sentindo a doer intoleravelmente. E toma o caminho da pensão percebendo mais desesperadoramente do que nunca o peso inutil da sua vida.

Correio das Artes

ANO I Número 10 — Suplemento Literário de "A UNIÃO" — João Pessoa, Paraiba — Domingo, 29 de maio de 1949

Rumos e Diretrizes dos "Novos"

HILTON MARINHO

O MOVIMENTO de renovação artístico-literário que vem se processando nas provincias do Norte e Nordéste do Brasil — fruto das atividades dos chamados "Novos" — foi tema de uma colaboração do sr. José Augusto Guerra, publicada no Suplemento do "Diário de Pernambuco", sob o sugestivo titulo de "Geografia Literária do Norte".

Apresentando um bem informado roteiro literário do movimento dos "Novos", ao lado de uma apreciação crítica das suas tendências e diretrizes, o senhor Augusto Guerra, conclue por lamentar o estonteamento, a falta de rumos definidos, que, em seu entender, vem caracterisando a produção literária da nova geração.

Embora reconhecendo esta dispersão, não concordamos em lamentar a maneira do articulista alagoano, a não uniformidade e falta de orientação do movimento. Não aceitamos em renovação literária, mormente na atualidade, produção dirigida ou artificiosamente intencional. Inútil exigir de uma geração angustiada e no caso da nossa, exuberantemente tropical, uma produção obediente a normas e objetivos pré-fixados.

Concordamos em que não há feição definitiva no atual movimento, se nos apresentando em manifestações dispersas e variadas, mas, contestamos a necessidade imprescindivel de uma orientação; liberdade de expressão e expontaneidade são qualidades suficientes.

Mal refeita e ainda atordoada pelo choque de princípios que abalou o Mundo, levando os povos à maior guerra da História, a nova geração, que agora ensaia os primeiros passos, e, à maneira das flôres silvestres, vai brotando de um terreno ainda há pouco calcinado por violenta queimada, não poderia — nem seria natural esperar — se pautar por normas rígidas ou programa orientador. Ainda nos caia nos ouvidos e nos de todos os sobreviventes, as exhortações e hinos de louvor entoados à Liberdade, durante o último conflito. Em sua honra e defêsa muitos fôram sacrificados; outros adormeceram embalados ao seu nome e sonharam com Ela.

Os "Novos" se plasmaram nesta realidade e vivem as suas consequências. Isto explica uma diretriz, uma tendencia na desorientação.

As forças desencadeadas nos dois grandes conflitos passados, ainda agora tumultuantes e destruidoras, marcando nas suas trajectórias o fim de um ciclo cultural — o ciclo sensitivo — impedem uma cristalisação no campo do espirito. Estamos vivendo entre o ocaso magnificente de um ciclo cultural e o eclodir tumultuário de um outro. Os "novos" pertencem ao novo ciclo, as normas orientadoras atuais ao que desaparece. Ligá-los, representa uma condenação ao desaparecimento. Divorciá-los, significa a vida para um deles.

Os visionários que ressuscitam velhas filosofias, em nova rotulagem, cumprem um determinismo historico — renovar a cultura em novas caracteristicas —, reconhecido que ela é eterna; mutável mas não perecivel. Sartre e Perruchot, resultantes de um conflito, se nos afiguram renovadores, não de principios, porém de forma, não de idéias, mas de interpretação. Peões de uma misteriosa partida de xadrez, conduzida pelo espirito humano em sua luta contra o desconhecido.

Marcham os "Novos" sem uma orientação, repudiando as velhas trilhas, derrubando árvores e levantando poeira, nova poeira de velhas coisas, estonteados, mas resolutos. Alguns ficarão caidos, os outros irão adiante: seleção natural e imprescindivel. Os que calejados e experientes pisarem a terra firme, traçarão as normas pautadoras dos que hão de vir. Eles certamente virão, não mais revolucionarios como os de agora porém pacificos e moderados. Literatura de paz, contrastando com a atual, a nossa, de luta e rancôr.

Ainda outras caracteristicas, além das que já citamos, peculiares aos "Novos" de todo o Mundo, se avolumam e fazem notar no nosso movimento provinciano brasileiro Particularidades indigenas, advindas do clima e miscegenação — fatores físico e étnico — responsáveis adicionais por uma mais exuberante e mais institiva produção literária, por isto mesmo, mais desordenada.

O acontecido por necessidade, em literatura, arte, ciência ou outra qualquer atividade do espirito, não pode ser relegado ou combatido por anti-estético ou inusitado. A necessidade é justificativa bastante. Em Literatura, assim tambem na Arte, há um como que impulsionador e creador de energias, que desobriga ao artista ou literato uma subserviência a certas normas e orientação, prejudiciais por qualquer efeito ou causa, à expressão real do pensamento do autor. Os movimentos literários, mormente ao se destinarem a renovar, se desligam por completo do estabelecido por correntes ou Escolas anteriores. A isto denominamos autonomia revolucionária.

Rumos e diretrizes para a nova produção artístico-literária do Brasil — nova produção dos novos homens esposando novos principios — serão ditados pela cristalisação progressiva das ideias e não pela subordinação à rigidez asfixiante das formulas pré-concebidas.

Chinêses trabalhando — Xilogravura de Han Shang-I